

PANTANAL DA NHECOLÂNDIA: UM ESTUDO SOCIOLINGÜÍSTICO

Fabiana Portela de LIMA ¹

ABSTRACT: This article presents a research project that objectify the description of speaking language of the pantaneiro man, inhabitant of the microregion of Nhecolândia, situated in the Pantanal Sul-Mato-Grossense, between the rivers Taquari and Rio Negro. The research is supported in the Variably Theory (LABOV, 1972), based in variables phonological, lexical and syntactic, correlated with extralinguistic variables stratified in sex, age group, education and origin. The collected data will receive a statistical treatment, according to the computational package GoldVarb X.

Introdução

Objetiva-se com este artigo apresentar o trabalho “Pantanal da Nhecolândia: um estudo sociolingüístico”, que vem sendo desenvolvido sob forma de dissertação junto ao Programa de Mestrado em Letras/Estudos Lingüísticos da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Câmpus de Três Lagoas, orientado pelo Prof. Dr. Dercir Pedro de Oliveira.

O propósito desse trabalho é o de descrever a fala do povo pantaneiro, morador da microrregião da Nhecolândia, sob os aspectos fonológicos, lexicais e sintáticos, tendo em vista a heterogeneidade lingüística, pois “toda comunidade se caracteriza pelo emprego de diferentes modos de falar” (Alkmim, 2001: 32).

A microrregião da Nhecolândia, situada no Pantanal Sul-Mato-Grossense, entre os rios Taquari e Negro, compreende uma área de 23.574 km² na qual vivem 1400 pessoas aproximadamente. Essa área foi re-ocupada no final do século XIX, após a Guerra do Paraguai, sob a liderança de Nheco Gomes da Silva. O acesso ao Pantanal da Nhecolândia, de modo geral, é difícil devido ao mau estado das estradas e às inundações periódicas, o que causa aos seus moradores certo isolamento.

Essa pesquisa sustenta-se no modelo teórico-metodológico da Sociolingüística Variacionista que se centra na heterogeneidade da língua e tem, portanto, como objetivo, estudar a língua falada, observando e descrevendo suas variações e as possíveis mudanças lingüísticas.

O modelo teórico-metodológico variacionista busca a ordenação da heterogeneidade e considera a variação inerente ao sistema lingüístico, sistemática, regular e ordenada. Propõe-se explicá-la, descrevê-la, relacionando-a aos contextos social e lingüístico. (Labov *apud* HORA, 2004: 18).

¹ Mestranda no Programa de Pós- graduação em Letras/Estudos Lingüísticos da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Três Lagoas. Bolsista CAPES. E-mail: portelalima@gmail.com

Justificativa

Dada a grande extensão geográfica do território brasileiro, é de senso comum sua diversidade cultural e lingüística, por isso os estudos de comunidades e regiões específicas tornam-se cada vez mais relevantes, permitem um melhor conhecimento dessa diversidade e, sobretudo, a sua sistematicidade. “É de suma importância o conhecimento da realidade local, sem perder de vista o geral, para que a partir dele sejam feitas reflexões que contribuam para algum posicionamento diante do que é dito, quando é dito e como é dito” (Hora, 2004: 8).

Pesquisas como essas contribuem para divulgação e conscientização da variedade lingüística em que a sociedade está inserida, para produção de material voltado ao ensino de língua materna, baseado na diversidade sócio-lingüística e, principalmente, para desfazer o mito da unidade lingüística:

Esse mito é muito prejudicial à educação porque, ao não reconhecer a verdadeira diversidade do português falado no Brasil, a escola tenta impor sua norma lingüística como se ela fosse, de fato, a língua comum a todos os 160 milhões de brasileiros, independentemente de sua idade, de sua origem geográfica, de sua situação econômica, de seu grau de escolarização, etc (Bagno, 2004: 15).

Assumir essa diversidade não implica negar ao aluno o acesso à norma padrão, tampouco deixar de proporcionar-lhe a inclusão social por meio de uma inclusão lingüística, mas apenas legitimá-la. Desse modo, a realização de uma pesquisa que leve à descrição da fala do pantaneiro da Nhecolândia justifica-se pela importância da descrição lingüística da região. Pouco ou quase nada se conhece dos pantanais no que concerne à linguagem, “tiranicamente, fauna e flora dominam, sufocam qualquer lembrança para além das mesmas. Pantanal é mata e bichos, brejos e peixes, rios e aves. O homem, no entanto, quando é lembrado, é apenas um vilão” (Caruso, 2002: 09).

Objetivos

Este trabalho parte do pressuposto segundo o qual a linguagem da região da Nhecolândia é diversificada em virtude das influências recebidas dos nativos (os indígenas esparsos pela região), dos desbravadores (na sua maioria, oriundos do norte de Mato Grosso), dos tropeiros (paulistas e mineiros) e dos fronteirços (bolivianos e paraguaios). Os reflexos dessa diversidade estarão presentes na fonética, no vocabulário e na sintaxe. Em decorrência disso, pretende-se descrever aspectos fonológicos, lexicais e sintáticos da fala pantaneira correlacionados a variáveis extralingüísticas; objetivando caracterizar o falar local e resgatar, por meio da linguagem, um pouco da cultura pantaneira que vem se perdendo ao longo dos anos. O êxodo rural afastou do campo boa parte dos autênticos pantaneiros que atualmente se encontram na região em número bem reduzido.

Procedimentos Metodológicos

Para realização desse trabalho foi adotado o método usual das pesquisas sociolinguísticas: a coleta de dados por amostragem aleatória.

A seleção dos informantes foi feita com base nas variantes extralinguísticas: sexo, faixa etária, escolaridade e origem. Optou-se por inquirir oito informantes com mais de 45 anos de idade, sendo quatro do sexo feminino e quatro do masculino, com a condição de que tivessem nascido na localidade ou que nela residissem a maior parte de suas vidas. O informante devia, ainda, ser analfabeto ou com instrução até a quarta série do ensino fundamental.

No decorrer da entrevista, que teve seu áudio gravado, seguiu-se um guia de perguntas, elaborado com base nos guias do Atlas Linguístico de Mato Grosso do Sul (ALMS) e do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), composto por um questionário semântico-lexical com 210 questões que abrangem dois grandes campos semânticos: natureza e homem, e um questionário fonético-fonológico com 75 questões que não se dirigem a um campo semântico específico, mas aos fenômenos linguísticos a serem estudados. Além das perguntas propostas pelo guia, foram feitas outras “sugeridas” pelo contexto no qual a entrevista decorreu, levando o informante a desenvolver narrativas orais. A partir dessas narrativas, serão estudados os aspectos sintáticos da fala do pantaneiro da Nhecolândia, uma vez que:

A narrativa de experiência pessoal é a mina de ouro que o pesquisador-sociolinguísta procura. Ao narrar suas experiências pessoais mais envolventes, ao colocá-las no gênero narrativa, o informante desvencilha-se praticamente de qualquer preocupação com a forma. A desatenção à forma, no entanto, vem sempre embutida numa linha de relato, a que chamaremos estrutura narrativa. (Tarallo, 1985: 23)

Os dados coletados foram transcritos grafemática e foneticamente. Ademais, números foram operados, uma vez que parte dos dados coletados receberam tratamento estatístico por meio do pacote computacional GoldVarb X, visando um estudo sociolinguístico quantitativo. É válido ressaltar que “o progresso da ciência não está nos números em si, mas no que a análise dos números pode fazer para o nosso entendimento das línguas humanas” (Naro, 2004: 25).

Considerações finais

Como mencionado anteriormente, o presente trabalho encontra-se em desenvolvimento; foi realizado o estudo histórico da região, a coleta e a transcrição dos dados.

Apesar da considerável produção de estudos de língua falada no Brasil, ainda há pouco sobre o falar sul-mato-grossense. Os trabalhos feitos por (e sob orientação) de Isquerdo e de Oliveira² muito têm contribuído para que esse quadro se reverta. Espera-se que esse trabalho venha a somar a essa contribuição.

² Profa. Dr. Aparecida Negri Isquerdo, professora aposentada da UFMS, professora convidada do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UEL. Prof. Dr. Dercir Pedro de

Referências Bibliográficas:

- ALKMIM, T. M. “Sociolinguística – Parte I” (2001). In: MUSSALIM, F. & BENTES, A. C. (orgs.) *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, p. 21- 47.
- BAGNO, M. (2004) *Preconceito linguístico*. 29ª ed. São Paulo: Edições Loyola.
- CARUSO, P. (2002) Prefácio. In: NOGUEIRA, A. X. *Pantanal: homem e cultura*. Campo Grande: Editora UFMS, p. 09-10.
- HORA, D. da. (2004) *Estudos sociolinguísticos: perfil de uma comunidade*. Santa Maria: Editora Pallotti.
- LABOV, W. (1972) *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: U. of Pennsylvania Press.
- NARO, A. J. (2004) “Análise quantitativa e tópicos de interpretação do Varbrul”. In: MOLLICA, M.C. & BRAGA, M. L. *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*, 147-177. São Paulo: Contexto.
- TARRALO, F. (2003) *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática.